

LAÇOS FAMILIARES E SENSORIALIDADE: DIÁLOGOS SOBRE O GRUPO E O SINGULAR

Fernanda RIBEIRO PALERMO¹
Andrea SEIXAS MAGALHÃES²

Resumo: Neste artigo, discutiremos a constituição do psiquismo familiar através das noções de grupalidade psíquica e de intersubjetividade, ressaltando o papel da sensorialidade. Partiremos da história da psicanálise de família, desde a concepção de laço grupal na obra de S. Freud até as formulações de aparelho psíquico familiar, destacando aspectos sensoriais na formação dos laços e nas subjetividades dos membros da família. Concluimos, assim, que a conquista de um sentimento de existência singular está diretamente relacionada ao pertencimento ao laço familiar.

Palavras-chave: intersubjetividade; grupalidade; psiquismo familiar; sensorialidade; pertencimento.

Résumé : Dans cet article, nous discuterons la constitution du psychisme familial par les notions de groupalité psychique et de l'intersubjectivité, en soulignant le rôle de la sensorialité. Nous allons partir de l'histoire de la psychanalyse de famille, depuis la conception du lien groupal dans l'œuvre de S. Freud jusqu'aux formulations de l'appareil psychique familial, en mettant l'accent sur les aspects sensoriels dans la formation des liens et dans les subjectivités des membres de la famille. Nous en concluons que la conquête d'un sentiment d'existence singulier est directement liée à l'appartenance au lien familial.

Mots-clés : intersubjectivité ; groupalité ; psychisme familial ; sensorialité, appartenance.

I- INTRODUÇÃO

As transformações socioculturais ocorridas ao longo do século XX oportunizaram estudos fundamentais sobre a família e a sua clínica, que constituíram bases importantes para pensar as tramas subjetivas contemporâneas. A contemporaneidade é marcada pelo processo dialético entre mudanças e permanências, pelo imperativo da singularização, e pelo estabelecimento de laços afetivos pautados por elementos psíquicos muito primitivos da experiência do sujeito. Todavia, é fundamental ratificar que a construção de um “eu” singularizado advém de um trabalho psíquico processual de ligações, de diferenciações e de transformações das heranças recebidas através da cadeia geracional (Granjon, 2000).

Para compreendermos a constituição psíquica do sujeito e para o delineamento de sua trajetória subjetiva, é relevante considerarmos a noção de grupalidade psíquica, tema de interesse de estudiosos da psicanálise de família. O grupo família é pensado a partir da intersubjetividade e através de fenômenos psíquicos particulares, considerando a grupalidade como algo diferenciado do conjunto dos sujeitos que a compõe e a sensorialidade como elemento de base.

¹ Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Especialista em psicoterapia de casal e família pela PUC-Rio. Membro efetivo da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e Família (ABPCF). Membro correspondente da Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica de Casal e Família (*Poiesis Analítica*).

² Professora Associada do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Família e Casal da PUC-Rio.

Nesse sentido, as vivências corpóreas e sensoriais e as fantasias que circulam entre os membros da família estabelecem laços inconscientes que funcionam como suportes da vida familiar e compõem a cadeia geracional. Através do mecanismo de identificação, os membros da família adquirem o sentimento de pertencimento a este grupo que os antecede e para o qual eles também contribuem, tal como visto na postulação de Freud: “aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (1913, p.123). Assim, neste artigo, discutiremos que o psiquismo familiar desponta da intersubjetividade, por meio da sensorialidade, e tem papel fundamental na aquisição do sentimento de pertencimento e de sentido pessoal de existência.

II- O LAÇO GRUPAL NA OBRA DE FREUD

Como ponto de partida, ressaltamos que os textos de Freud sobre cultura forneceram os aportes iniciais para a construção dos dispositivos de grupo, como, posteriormente, as bases para a teorização psicanalítica sobre a família. Os dispositivos de grupo foram utilizados, em um primeiro momento, como uma forma de aplicar a psicanálise a sujeitos que não podiam se beneficiar da cura ou de uma análise individual em sua forma clássica. Desse modo, o dispositivo grupal aparece como tentativa de lidar com uma nova situação advinda do contexto de guerra, a das neuroses traumáticas, tais como aquelas advindas da escassez econômica, financeira e psíquica, que esse estado bélico suscitava.

Ainda que o conceito psicanalítico de grupo não seja objeto da clínica na obra freudiana, a questão da articulação entre o espaço intrapsíquico e o espaço intersubjetivo encontra-se em sua metapsicologia, sobretudo nos textos sobre cultura, em que a noção de grupalidade psíquica surge de forma embrionária. Apoiando-se nos trabalhos sobre tribos que definiam o parentesco não de acordo com a família, mas sim com os clãs aos quais os indivíduos se integravam, Freud, em *Totem e Tabu* (1913), confirma a ideia de supremacia do grupo totêmico sobre o parentesco de sangue.

O estudo sobre a população australiana revela uma organização de tribos divididas em clãs, cada um denominado por um animal sagrado – o totem. Para os membros do clã, o essencial era a submissão às leis do totem, entre elas, a interdição de matar o animal totêmico e, principalmente, a proibição de relação sexual entre membros de um mesmo clã, o que caracterizaria um incesto punido com a morte. A relação com o totem estava na base de todas as obrigações sociais, sobrepondo-se à filiação tribal e às relações consanguíneas. Ao totem cabia reunir e proteger todos os seus membros.

Nesta sequência, as noções de horda primitiva e de refeição totêmica constituem uma especulação freudiana e uma reconstrução mítica para compreender a origem do grupamento social, fomentando, assim, o interesse pelas relações de poder no grupo e pela natureza do laço grupal. O animal comido por todos seria um substituto do pai que, na horda primitiva, detinha todos os direitos sobre as fêmeas e exercia um poder despótico sobre todos, ocasionando a revolta dos jovens que o assassinaram. O assassinato do pai da horda pelos filhos visaria à proteção dos interesses do grupo, dando origem às premissas das leis sociais, das interdições e, por conseguinte, das leis interiorizadas.

Freud (1913) centra suas observações nos sentimentos ambivalentes do ódio ao pai tirânico e da culpa sentida por seu assassinato. As noções de ambivalência, de sacrifício e de terror, ligadas ao tabu, estão presentes no funcionamento grupal e nas fantasias

familiares. A ideia de sacrifício está presente no grupo e/ou na família. Cada membro, parente ou criança, pode, inconscientemente, dar, em sacrifício, uma parte de si ou a totalidade de seu ser, a fim de que o laço subsista. Ainda em “Totem e Tabu”, S. Freud afirma que a refeição totêmica cria um laço pelo sacrifício nos corpos dos sujeitos, acrescentando que:

Nós sabemos que, mais tarde, toda refeição em comum, toda participação da mesma substância, tendo penetrado nos corpos, criaria entre os comensais um laço de sagrado, mas nas épocas mais antigas, essa significação só era atribuída à consumação em comum da carne do animal sagrado. O mistério sagrado da morte do animal se justifica pelo fato que é assim somente que se pode estabelecer o laço unindo os participantes entre eles e aos deuses (Freud, 1913, p.152).

A incorporação por cada membro do grupo de uma parte de um mesmo animal ou da mesma substância simboliza o laço grupal. A identidade comum é a identificação ao corpo comum grupal, ao corpo imaginário comum, incorporado. A ilusão de um corpo comum é entendida nos estudos contemporâneos como fomentadora de vivências de ameaça e, ao mesmo tempo, de sensação de proteção dos membros da mesma família. Essa formulação é de grande importância para este artigo, pois fornece as origens da conceituação de ilusão grupal familiar, que será trabalhada mais adiante.

As ilusões de comunhão corporal e psíquica trabalhadas por Freud são também importantes objetos de trabalho nas sessões de terapia familiar psicanalítica. As vivências corporais e as fantasias em comum constituem laços inconscientes muito fortes, por vezes tirânicos, que podem funcionar ou não como suportes da vida familiar. Isso corresponde à herança e à transmissão psíquica, pois os sujeitos tanto recebem uma herança quanto introduzem algo naquilo que recebem.

Através de seus estudos sobre a obra freudiana, Kaës (1993/2001) ressalta que o sujeito da herança é o sujeito do Inconsciente, um fim para si mesmo e um elo em uma cadeia que o precede e à qual ele pertence. Essa dupla orientação, inter e intrasubjetiva, que atravessa o sujeito, também pode ser observada no texto *Introdução ao Narcisismo* de Freud (1914), em que o sujeito figura como elo beneficiário e servidor da cadeia intersubjetiva que o precede. Assim, o que está em jogo no campo da transmissão é a formação do Inconsciente e os efeitos que derivam da intersubjetividade na subjetividade. Nas palavras do autor, o “sujeito leva realmente uma existência dúplice: uma para servir às suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra a sua vontade ou pelo menos involuntariamente” (Freud, 1914, p.85).

Dessa forma, os homens reunidos em grupo constituiriam um corpo em comum e estariam ligados por elementos antigos, hereditários, ancestrais. O destaque aqui é dado à ideia de coletivo para a formação do singular, o que estaria evidenciado nas expressões “alma coletiva” e “alma dos primitivos”. Ao descrever especificidades da vida em grupo, Freud (1920) afirma que os homens em grupo se despojariam de suas particularidades, avivando o que teriam em comum, seguindo uma tendência fortemente ativa para a indiferenciação. Produz-se, então, um movimento de gangorra entre partes individuais, conscientes, adultas e partes reprimidas, inconscientes, infantis ou primitivas, sob a primazia do processo primário e do processo originário (Aulagnier, 1975), dando a ilusão de um funcionamento novo.

A partir de uma ideia de homogeneidade mental, em maior ou menor grau, os sujeitos constituem um grupo psicológico, e mais evidentes são as manifestações de uma mente grupal em situação de grupo. Freud apresenta essa ideia em *Psicologia de grupo e análise do eu* (1920) e a estende, afirmando que, quando os sujeitos em grupo possuem algo em comum, interesse comum em um objeto e uma inclinação emocional semelhante, pode ocorrer um contágio emocional através da familiaridade. O autor supõe que os laços emocionais constituem parte significativa da essência da mente grupal, pelo fato de que a manutenção do grupo ocorre pelo atributo de Eros, ainda que seja preciso abandonar parte de uma carga libidinal própria para manter esse laço. Há uma redução do investimento narcísico no próprio eu, e um direcionamento do mesmo para o grupo. Isso porque a única barreira do amor por si mesmo seria o amor pelos objetos. Nesse sentido, destacamos o mecanismo de identificação, caro aos estudos sobre grupo, por ser base das ligações estabelecidas entre seus membros.

Freud considera que a “identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional” (1920, p.116), sendo assim, podemos dizer que, ao se tornar o suporte da transmissão intersubjetiva, a identificação evidencia um ponto de encontro entre dois eus, podendo constituir uma aliança inconsciente. A identificação é de início ambivalente, envolvendo tendências libidinais e hostis. Ainda segundo Freud, ela é um produto da fase oral da organização libidinal, sendo o objeto incorporado e, portanto, suprimido. As noções de incorporação e de identificação são importantes para o entendimento da trama intersubjetiva. O próprio objeto edipiano, ao qual é preciso renunciar, é também incorporado no processo identificatório e, de certa maneira, destruído. Estão aí em jogo as questões concernentes ao eu e à relação com a realidade externa, como também ao investimento narcísico e objetual.

É, através do processo identificatório, que afetos, sofrimentos e sintomas despontam. A partir de zonas de encontro entre inconscientes, das qualidades adesivas e/ou projetivas e suas correlatas intensidades, que estão em jogo neste encontro, entendemos a relevância do conceito de identificação – conceito de incontestável importância na compreensão da trama familiar e da atuação da transmissão psíquica entre gerações.

III- A CONCEPÇÃO DE GRUPALIDADE PSÍQUICA NOS AUTORES PÓS-FREUDIANOS

Como vimos, em Freud, o processo identificatório se inicia em um tempo bem primitivo de contato entre psiquismos e é observado na clínica com famílias por meio da comunicação não verbal, da expressão corporal e do acionamento de uma comunicação através da sensorialidade. Portanto, para pensarmos sobre a família, sua organização e seus atravessamentos, é indispensável elucidarmos a atuação da intersubjetividade, da grupalidade psíquica e dos limites existentes entre os espaços psíquicos dos membros que compõem a família.

Para tanto, enveredaremos pela obra de autores pós-freudianos (Eiguer, 2011; Kaës, 1993/2001, 2015; Robert, 2007), que consideram a tendência identificatória muito primitiva como dizendo respeito aos primeiros laços de identificação, que encontram esteio na expressão “substância comum”, utilizada por Freud em *Totem e Tabu* (1913, p.). A ilusão de um corpo comum, associada à substância comum, seria uma fantasia

inconsciente que tanto ameaça quanto protege a família, ficções compartilhadas corporal e psiquicamente, importantes elementos no trabalho psicanalítico com famílias.

É preciso ressaltar que a sustentação psíquica de um bebê, diante de suas próprias necessidades físicas, somáticas e psíquicas primárias, marcadas pela ligação entre os corpos desde o registro da gestação, é uma etapa indispensável para a formação do sujeito. O psiquismo, em um primeiro tempo, encontra-se no registro pouco diferenciado, apoiado nas trocas sensoriais entre o bebê e o ambiente cuidador. O bebê tem potencialidades inatas (Winnicott, 1962) a serem desenvolvidas no encontro com o ambiente cuidador, logo, a intersubjetividade diz respeito à marca inicial de um encontro, não significando a prevalência de um sobre o outro. A intersubjetividade se caracteriza, portanto, pelo fato de a existência humana ser tributária de um outro.

A concepção de intersubjetividade é premissa para entendermos a de psiquismo familiar. A marca é a do encontro entre sujeitos, o que sustenta o entendimento de que o grupo se caracteriza por uma formação específica que transcende o conjunto dos sujeitos que o compõe, mas valoriza suas singularidades. O funcionamento psíquico do grupo esteia-se no modelo do laço primitivo, cuja característica é um mimetismo entre os psiquismos. Pautado nessas reflexões, Bion (1962) analisou os processos grupais em busca de um dispositivo que sustentasse as adversidades impostas por momento de guerra e de crise, visando ao tratamento de casos considerados difíceis. A análise de processos grupais põe em relevo a importância de dispositivos do grupo e da cultura que favoreçam processos subjetivos. Assim, o autor conceitua a mentalidade de grupo como a expressão unânime da vontade do grupo, para a qual o sujeito contribui de forma inconsciente.

As contribuições dos membros para a mentalidade de grupo constituem o continente grupal, permitindo certa satisfação das pulsões e dos desejos singulares, que devem estar em conformidade com as demais contribuições de fundo comum. Os sujeitos, em grupo, funcionam em registros afetivos arcaicos, o que levou Bion (1962) a conceituar os pressupostos básicos do funcionamento grupal - dependência, luta e fuga, e acasalamento - e destacar o papel deles nas reações grupais defensivas contra angústias psicóticas, reativadas pelos sujeitos em situação de grupo. Afirmou que é fundamental que o sujeito consiga fazer uma distinção entre ele próprio e o grupo, assim como entre o grupo como tal na realidade e na sua idealização. Em muitos casos, não se opera essa suficiente distinção e o grupo passa a funcionar no plano do ideal, o que leva a uma confusão entre o plano singular e o coletivo, acirrando problemas relativos ao sentimento de pertencimento.

As formulações bionianas são pautadas na ideia de que, quanto ao humano, não há verdades absolutas, e sim, instrumentais para lidar com a verdade experiencial, transformando-a psiquicamente. As experiências emocionais produzem sensações, e a tentativa humana é de pensá-las. Tendo seu esteio nas bases intersubjetivas do psiquismo, o autor conceitua o aparelho de pensar pensamentos. Na visão de Bion (1962), há preconceções inatas que antes de serem pensadas fazem pressão para que o psiquismo lhes atribua sentido. É preciso uma experiência de encontro com o ambiente, representado pela família, para que as preconceções se tornem concepções. O encontro com a realidade ocorre quando há, simultaneamente, uma suficiente sustentação da comunicação do bebê por parte do ambiente e uma tolerância à frustração por parte do bebê. Através de representação da ausência, que desponta desse processo, inaugura-se a capacidade de pensar.

O postulado filosófico de W. Bion refere-se ao fato de os pensamentos não dependerem de um pensador, mas da capacidade de pensar as experiências. Isso posto, é possível afirmar que sempre há um desnível entre o que sentimos e o que pensamos, e a proporção desse desnível se evidencia por um viver mais processado pela experiência ou mais distanciado dela. Portanto, o autor parte da premissa de que as fantasias muito primitivas nascem das percepções sensoriais inatas e a tentativa humana é de pensá-las, o que envolve uma tarefa familiar. Os receptores sensoriais captam impressões e são elas que precisam de uma mediação com o mundo para se transformarem em pensamentos, com capacidade de realizar processos psíquicos. Portanto, podemos dizer que os transtornos de pensamento estão situados no campo da problemática do encontro com a alteridade.

A função comunicacional, envolvida em todo o processo de formação do aparelho de pensar pensamentos, está intimamente ligada às formações psíquicas familiares. Bion (1962) afirma que, desde o início da vida, o mecanismo de identificação projetiva cumpre uma função comunicacional. O mecanismo de identificação projetiva foi cunhado por Klein (1955) e serviu de modelo para a teorização de Bion, que o desenvolveu. O conceito introduz uma marca intersubjetiva comunicacional muito primária, partes ruins do sujeito são expulsas e projetadas no outro de forma que o próprio eu passa por uma clivagem. Bion retoma essa perspectiva e afirma que a identificação projetiva é uma forma de comunicação não simbólica, que visa fazer o outro experimentar o que é sentido na interioridade do sujeito. A identificação projetiva é um conceito central para a teorização sobre o psiquismo familiar, pois ela é presente e atuante, em vários níveis, em todas as interações em família.

Entendemos, portanto, que a grupalidade está na base do trabalho de pensar. A aquisição da capacidade de pensar advém de um “estar com” um outro (s) que pense sobre a experiência. O tom desse processo é dado pelas disponibilidades internas de uns para os outros e pela elaboração dos conteúdos transmitidos entre as gerações. Portanto, pensar é uma atividade interacional na qual uma vivência intersubjetiva está implicada. O aparelho de pensar singular é constituído através do aparelho de pensar da mãe, o que exige a metabolização de afetos em estado bruto. Logo, é fundamental existir um aparelho de pensar pensamentos familiar que seja capaz de metabolizar conteúdos advindos das gerações precedentes, como também viabilizar os processos de subjetivação singulares.

Por meio de toda essa discussão, ratificamos que o modelo organizado com base na dinâmica relacional possui uma ligação indissociável com as experiências somáticas, fundadoras das relações primárias individuais e grupais. Tomando essa formulação como ponto de partida, acrescentamos as ideias de Rouchy (1986, 2014) sobre o grupo se desenvolver através das tonalidades de base e de emoções que vão sendo expressas em termos psíquicos, sob influência constante da realidade interior. O autor se baseia no sistema protomental de Bion, sistema composto por conteúdos que ainda não configuraram pensamento, e afirma que esse sistema é a matriz de onde surgem as sensações ainda não metabolizadas, que fornecem as tonalidades emocionais de base e de onde nascem as formas psíquicas.

Segundo Rouchy (1986), os aspectos primitivos fazem parte da experiência e não são patológicos. O sujeito se situa em uma rede de interações que fornece os suportes emocionais internos. A concepção de grupo de pertencimento primário se refere ao grupo familiar, aquele regido por relações instauradas por códigos que se desenvolvem e se

repetem através das heranças transmitidas entre as gerações. A família, como grupo de pertencimento primário, é a matriz de identidade cultural, a base partilhada através da qual ocorrem os processos de singularização. Os limites do sujeito e do grupo, como também os limites do eu e do não eu, do dentro e do fora, possuem seus alicerces nessa base cultural. A apreensão do mundo compartilhado ocorre a partir dos sistemas de pensamento, e a subjetividade é vista como tributária da intersubjetividade.

No rastro dos sinais sensoriais, corporais e não verbais, o que existe de mais primário nos laços entre os membros do grupo, a psicanalista Ophélie Avron (1996, 2001, 2011) constrói uma rica teorização acerca do funcionamento específico do grupo, como também acerca de uma escuta a ele direcionada. Segundo a autora, a sensorialidade aparece no grupo na diferença existente entre as expressões afetivas da sexualidade e a ligação emocional entre os membros do grupo.

O conceito de emocionalidade participativa, por ela cunhado, indica que a emoção é uma sensibilidade perceptiva encarnada, associada aos processos de ligação intersíquica entre os sujeitos. Assim, a ideia de emocionalidade participativa sugere que as emoções são postas em jogo pela necessidade mútua de ligação entre os sujeitos e entre estes e o ambiente, o qual ativa sentimentos de segurança ou de insegurança, de movimento ou de inércia.

O aspecto emocional dos fenômenos grupais se esteia no sistema protomental, essa matriz de onde nascem os fenômenos singulares e os de grupo, através da ligação entre o físico e o psíquico. Pela prática como terapeuta de grupo, Avron (2011) notou que os sinais corporais, as palavras e as histórias do passado se entrecruzam e aparecem simultaneamente em manifestações da sexualidade e da emocionalidade participativa, sendo ambas necessárias à expressão da vida psíquica e sustentáculos grupais. Os estados emocionais criam laços entre os membros do grupo e consistem nas primeiras formas de realização de pensamentos. Esse protopensamento, indissociável da experiência emocional, é a base de todo o desenvolvimento psíquico grupal e é reativado em família por uma comunicação que se dá sem palavras, pela dimensão sensorial.

É nesse contexto que Avron afirma que, através do corpo, adquirimos o sentimento de existência. As bases elementares e fundamentais da vida psíquica, advindas da emocionalidade participativa, permitem, por uma colaboração mútua, a conquista de um caminho singular. Os sujeitos do grupo trabalham em prol da manutenção do grupamento, em prol da busca de um equilíbrio entre prazer e desprazer, da necessidade de uma ligação que favoreça o estabelecimento de limites recíprocos e do sentimento de pertencimento. Logo, é preciso estabelecer um laço que assegure as diferenças, as distâncias, os medos, os excessos, a fim de que conteúdos emocionais advindos da sensorialidade possam ser contidos e elaborados pouco a pouco pelo grupo/família.

O ser humano não existe como sujeito se não tiver o sentimento de unidade, de ser alguém singular e isso se deve, em grande parte, à grupalidade em que ele está inserido e da qual faz parte. A grupalidade psíquica é condição do advir do sujeito e a ela o sujeito sempre se reportará. É relevante enfatizar a referência ao corpo e ao que ele comunica, como sendo fundamental na discussão proposta neste artigo. Assim, a sensorialidade é por nós entendida como constituinte dos laços familiares, assim como meio de expressão de traumatismos transmitidos entre as gerações.

IV- UMA VIRADA CONCEITUAL: O APARELHO PSÍQUICO GRUPAL E AS ALIANÇAS INCONSCIENTES

A concepção de família em que nos pautamos diz de um grupo que porta especificidades e laços, onde cada membro que o compõe encontra e cria um lugar que é, ao mesmo tempo, atribuído e conquistado. Segundo a concepção de Kaës (1976), o psiquismo singular é tributário do inconsciente grupal, visão que corresponde a uma virada teórica imprescindível, redirecionando o olhar e a escuta na clínica psicanalítica com famílias. Kaës é um autor central na discussão proposta neste artigo, tal como na área de psicanálise de família, uma vez que ele afirma que o sujeito do grupo se constitui como o sujeito do Inconsciente.

Partindo da ideia de que o espaço psíquico do grupo é complexo, Kaës (1976) afirma que, nesse espaço, se dão ligações e se estabelecem formações e processos que pertencem a outros três espaços: o do sujeito, o dos laços e o do grupo. O funcionamento e a organização grupal ocorrem por meio dos investimentos psíquicos de cada membro do grupo, estabelecendo-se, desse modo, uma realidade psíquica grupal. O laço é o que liga vários sujeitos e eles ao grupo, formando, também, subgrupos. Portanto, os laços são fundamentais na compreensão da dinâmica da família, uma vez que é impensável a vida humana sem seus laços. Mas é importante estabelecer uma distinção entre laços e entaves, como também, entre laços que portam vida e aqueles que são mortíferos.

Segundo Kaës (2004, 2015), a construção do laço intersubjetivo visa o cuidar das descontinuidades e das separações inerentes aos ciclos de vida familiar. Ao partir do reconhecimento da importância dos laços na trama intersubjetiva e grupal, enfatiza a existência de um espaço psíquico comum e partilhado – ideia que levou o autor a conceituar o aparelho psíquico grupal. O aparelho psíquico grupal trabalha na articulação, na ligação e na transformação de parte das realidades internas individuais em realidade externa compartilhada. Ele é, assim, uma matriz de base corporal e uma organização original independente das psiques que ele reúne, sendo interiorizado pelos membros do grupo. Uma parte do aparelho psíquico singular se constitui através do aparelho psíquico grupal. Esse modelo visa, por meio dos laços que o compõem, a um trabalho psíquico de criação, de manutenção e de transformação da vida do grupo.

Cada um do grupo é para o outro um interlocutor e um estranho, uma imagem de si próprio e, ao mesmo tempo, uma representação de um não eu, ocorrendo um jogo complexo entre defesas e identificações recíprocas. Ativam-se, assim, alianças inconscientes entre os membros do grupo, presentes em toda configuração dos laços, seja nos casais, nas famílias, estendendo-se para as instituições. Kaës (1993/2001, 2015) afirma que os sujeitos do laço devem selar alianças. Isso porque as alianças teriam como principal função manter e assegurar os laços e definir as regras em jogo, a fim de garantir a permanência do grupo ao longo do tempo.

Há um engajamento mútuo que visa a realizar um interesse comum. Em um sentido sincrônico, visa-se a uma extensão na temporalidade psíquica, mas ela pode, no sentido diacrônico, ter sido delineada antes do nascimento do sujeito. Esse é o campo da herança e dos processos de transmissão psíquica inconsciente, que movimentam o sentido de vida e de morte entre as gerações.

Tomando como base a intersubjetividade como matriz do psiquismo, e em fino diálogo com o pensamento de Kaës, Eiguer (1985) sustenta que o aparelho psíquico singular pode ser entendido, conforme o ângulo de visão grupal, como uma rede de laços entre o sujeito e os outros e entre os objetos internos de cada sujeito. Eiguer (1985) nomeia de interfantasmatização o que concerne às imagens e às representações que se aproximam ou se opõem em grupo, mas que estabelecem um elo associativo de articulação e de acordo entre seus membros. As fantasias individuais tendem a configurar uma rede que se articula formando a interfantasmatização. É sobre essa base que o grupo constitui uma imago comum e uma identidade.

Todos esses movimentos que se apresentam em família estão em comunicação com o que Eiguer (2004) nomeou de *habitat* familiar, construído a partir da imagem do corpo, das representações inconscientes do corpo, de partes tanto separadas quanto religadas ao conjunto. A imagem do corpo, como analogia de partes/membros que são indissociáveis na composição de um corpo/grupo, é semelhante à composição dos sujeitos na formação do grupo familiar. Ao falar da imagem do corpo e do grupo, ressalta a ligação inexorável entre sujeitos para que se configure uma família como a de cada membro para o todo do corpo. Cada um, através de sua unidade e integração, influencia e é influenciado pelo todo.

A partir da analogia com a imagem do corpo, podemos considerar que o grupo família seja atravessado por angústias de desmembramento, representado pelo medo de que um membro se destaque da grupalidade ou retire sua contribuição no grupo. A representação do corpo e da identidade familiar contribui para construção desse *habitat*, de modo a configurar uma arquitetura. Assim sendo, a proposta do autor é pensar o espaço psíquico em torno de uma topologia interna, que configura espaço inconsciente e aparelho psíquico do grupo. A ideia é que esse *habitat* é uma matriz que permite investimentos, realizações, apropriações e instauração de limites, protegendo a família do mundo externo. Nas palavras do autor: “L’habitat intérieur comme encadrement, comme base, constitue leur substratum nécessaire” (Eiguer, 2004, p.21)³.

Uma vez que o *habitat* familiar se consolida, a família pode se sentir mais segura através de uma contenção que é, aliás, a primeira das cinco funções do *habitat*, segundo Eiguer. A função de contenção e a consequente delimitação entre o que seja interior ao *habitat* e o que lhe seja exterior, permite que, em família, se constitua uma intimidade. A segunda função é a identificatória, que se expressa pela maneira como a família deixa sua marca, através das alianças entre os membros que a compõe. A terceira função é aquela que assegura a continuidade da história, em que a memória tem papel de ligação entre as gerações e a transmissão. A quarta função corresponde à criação, implicando representações que cada objeto possui. Por fim, a quinta e última concerne à função estética, no sentido da beleza e da harmonia das formas que nutrem o prazer do grupo familiar.

A discussão sobre o *habitat* familiar nos leva a pensar sobre o pertencimento à família, configurado pela participação de seus membros em uma tecelagem de história geracional. O processo identificatório e o reconhecimento mútuo, portanto, estão na base da constituição de um ambiente familiar salutar. Assim, entendemos que a ideia de intersubjetividade expande a compreensão da própria subjetividade, pois implica a

³ “O habitat interior como um enquadre, como uma base, constitui seu substrato necessário”. Tradução livre realizada pelas autoras.

movimentação das identificações entre os membros da família e entre as gerações, em grande parte, pela via da sensorialidade. É interessante observar que um membro da família pode ser visto como parecido em seu jeito de ser, trejeitos, com familiares com os quais ele não conviveu, o que dá o tom do que se passa nesse cenário subjetivo da família.

V- O APARELHO PSÍQUICO FAMILIAR E SUA BASE NA SENSORIALIDADE

A concepção de psiquismo familiar constituído com base na sensorialidade é central no entendimento do funcionamento familiar. O conceito de aparelho psíquico grupal de Kaës associado às teorizações sobre o psicossoma de Winnicott formam a base a partir da qual Ruffiot (1981) desenvolveu suas formulações teóricas sobre o aparelho psíquico familiar. O autor deu especial realce à existência de uma psique pura, de um substrato somático, advindo de uma etapa do desenvolvimento humano anterior à aquisição das palavras e pautado na sensorialidade.

O aparelho psíquico familiar é um espaço intermediário, mediador entre a realidade psíquica interna e a realidade externa compartilhada. Ele é o aparelho psíquico grupal do grupo primário, a família, de onde surge um primeiro esboço do psiquismo singular. Ruffiot centra seu interesse nos mecanismos familiares que tanto podem acolher e nutrir quanto podem obstruir os processos de singularização dos membros da família. Essas obstruções levam aos sofrimentos familiares, observação feita pelo autor que também foi um importante terapeuta de família, que se esmerou em conceituar um arcabouço teórico que auxiliasse no tratamento de tais sofrimentos.

Sustentando-se na ideia de que o bebê humano tem acesso ao mundo por meio dos pais, de seus corpos e psiquismos, Ruffiot afirma que isso não indica uma passividade prematura do bebê, ao contrário, ele é competente nas trocas com seu ambiente – ideia sustentada pela intersubjetividade. Como dito anteriormente, Ruffiot utiliza a concepção de psique pura como referência para o funcionamento do aparelho psíquico familiar. Para entendermos essa ideia, é preciso considerar que Winnicott (1965) postula o estado de ilusão vivido pelo bebê como condição necessária ao desenvolvimento humano.

A ilusão diz respeito ao fato de o bebê poder acreditar que o que ele encontra na exterioridade foi por ele criado, para que, pouco a pouco, através do mecanismo de desilusão, ele seja capaz de apreender que há uma exterioridade. Todo esse fenômeno favorece a integração paulatina entre psique e corpo e a aquisição do sentimento de segurança, base para uma vida criativa. Antes dessa integração, a psique do bebê é mais suscetível à psique familiar, uma vez que os processos de maturação que garantem a singularização ainda estão em curso.

Ruffiot (1981), ao definir o aparelho psíquico familiar como uma psique pura, ressalta que a área de ilusão familiar é também a da criação e a da cocriação, um espaço compartilhado com os membros da família, intermediário da experiência entre o eu e o outro. O aparelho psíquico familiar se erige, portanto, em uma zona obscura e amalgamada entre os diferentes psiquismos. O tecido familiar formado nessa zona esteia-se na comunicação e no entrelaçamento dos aparelhos psíquicos singulares, encontrando no aparelho psíquico familiar a soma das funções de metabolização dos afetos de cada um dos membros da família.

O psiquismo familiar busca fornecer contenção às vivências primárias de angústia, que são aquelas em estado bruto e que demandam ligação às representações, um sentido simbólico. O conceito de ilusão grupal, uma defesa coletiva contra a angústia da perda, proposto por Anzieu (1975), é aqui utilizado na construção do conceito de ilusão grupal familiar, tentativa da família de viver em psique pura. A ilusão grupal alude ao fato de o grupo sempre fabricar ilusões, logo, se o grupo funciona tal como o sonho, este cumpre a função de realização imaginária de desejos infantis irrealizados e, particularmente, proibidos. É justamente essa trama mais primitiva que é ativada na clínica com família. O aparelho psíquico familiar é, portanto, constituído e continuamente mobilizado por elementos psíquicos primitivos.

Compreendendo-o como uma matriz familiar primária, F. Aubertel (2010) destaca os níveis primários dos laços familiares. A autora entende o funcionamento familiar a partir da base do aparelho psíquico familiar, mas propõe uma distinção entre dois níveis. O primeiro nível do funcionamento familiar é o nível psíquico grupal pré-individual da ordem da vivência do laço. Esse é o nível marcado por pouca discriminação, matriz originária ativa de significação, que habilita cada eu a produzir sua própria narrativa interior e uma via fantasmática.

A vivência do laço é, nesse momento, de natureza sensorial, o que demanda uma experiência de continuidade para ativar os processos de simbolização. O segundo nível, o das relações de objeto ou o dos objetos laços (*objets liens*), é o das relações de objeto mais claramente diferenciadas que organizam os processos de singularização e favorecem a cada membro da família encontrar o seu lugar na configuração presente, assim como na cadeia geracional. A conquista de um sentimento de existência singular está diretamente relacionada ao pertencimento ao laço familiar.

Para que se alcance um funcionamento relacional subjetivo e intersubjetivo satisfatório, é necessário que o nível psíquico grupal pré-individual da ordem da vivência do laço assegure uma suficiente continuidade e confiabilidade em sua função de matriz originária ativa de significação, estando disponível e acessível para os sujeitos. Isso porque, em certas experiências traumáticas familiares, os sintomas surgem através das experiências sensoriais que ficaram fora do campo da simbolização. É nesse sentido que as angústias de ruptura do laço, que transbordam a capacidade de contenção pelo aparelho psíquico familiar, estão ligadas ao nível de experiências sensoriais pré-individuais.

Nesse contexto, os membros da família tornam-se fragilizados em suas capacidades de transformar certas experiências em vivências subjetivas, deflagrando dificuldades na apreensão de uma experiência genuína de existência. Ressaltamos que, quando experiências traumáticas frequentes e de descontinuidade passam a figurar na família, oportunizando falhas na constituição da capacidade de pensar, seus membros podem permanecer aderidos aos aspectos sensoriais. Essa trama cria um laço concreto, bruto, entre os membros da família, fortemente pautado por sofrimentos e por uma comunicação pré-verbal, sensorial.

Uma vez que o aparelho psíquico familiar é constituído de zonas psíquicas que carecem de uma clara discriminação e funciona a partir do princípio de uma psique pura, entendemos que a sensorialidade afeta os laços entre os membros da família. O corpo e o psiquismo são afetados por uma sensorialidade que carece de significação. As problemáticas do laço se expressam por afetos brutos, pelo agir, pelos silêncios, pelas

tensões que perpassam, por vezes, muitas gerações. O aparelho psíquico familiar, então, possui a marca das transmissões inter e transgeracionais, transportando impressões sensoriais e vivências emocionais brutas. F. André-Fustier afirma: “on peut entendre que le groupal c’est la dimension psychique du lien antérieur à l’ancrage corporel de la psyché qui perpétue un lien sensoriel non encore subjectivé” (F. André-Fustier, 2011, p. 8)⁴.

Conforme discutido neste artigo, a intersubjetividade, a grupalidade psíquica e o aparelho psíquico familiar são conceitos tributários da concepção de uma origem humana marcada pela relação com o outro. As angústias primitivas e a necessidade humana de contato e de pertencimento são aspectos incontestáveis na constituição do laço familiar e pré-condições para o advir do sujeito e da cultura.

Assim, é fundamental destacar a concepção de sensorialidade, intimamente ligada ao sentido do eu pessoal e à interdependência dos funcionamentos psíquicos na trama intersubjetiva. Em família, a sensorialidade é preponderante para o entendimento das trocas inconscientes e para toda transmissão psíquica. A família, como grupo primário, é o lugar de onde derivam as experiências primárias e onde se reencenam experiências advindas das gerações anteriores. Como nos aponta Robert (2007), as especificidades do grupo familiar abarcam a ancoragem no registro sexual e no registro geracional, este como signo da identidade e do pertencimento, incluindo, também, a inscrição em uma comunidade humana. Mas, sua especificidade está, sobretudo, no fato de ser o lugar de telescopagem permanente entre fantasia e realidade, sustentando os sujeitos em um “nós”, núcleo originário de um narcisismo familiar.

Em toda família é possível observar aspectos primitivos através da ressonância psíquica de angústias e de desejos, tentativas de assegurar coesão familiar. Em configurações familiares em que a tendência à ilusão grupal familiar é preponderante, intensifica-se a ressonância psíquica entre os membros da família na busca de garantir a homeostase, proteger contra as angústias de separação e dificultar a ascensão das singularidades. O funcionamento primário de base comum aciona aspectos defensivos, culminando na limitação da comunicação, na tendência ao agir e na vivência de uma ilusão de corpo comum.

Desse modo, o ambiente formado pelo grupo primário família precisa ser firme e afetivo para que o sujeito se sinta ocupando um lugar no mundo, sendo visto e reconhecido, e constituindo o sentimento de pertencimento. O sujeito adquire o sentido de existência pessoal à medida que ocorre o contato efetivo com a realidade externa. A realidade psíquica está, então, sob a égide de um paradoxo, pois o que vem de dentro e o que vem de fora nunca chega a ser claramente estabelecido, e o que é particular do sujeito teria sido constituído, também, pela herança recebida através das gerações precedentes, incluindo àquela advinda da sensorialidade. Portanto, entendemos que é preciso considerar a família como um grupo constituído na intersubjetividade, por meio da sensorialidade e responsável por prover suficientes condições de bem-estar para que seus membros adquiram o sentimento de pertencimento familiar e o de existência singular.

VI- CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ “Podemos entender que o grupal é a dimensão psíquica do laço anterior à ancoragem corporal da psique que perpetua um laço sensorial não ainda subjetivado”. Tradução livre realizada pelas autoras.

Os estudos psicanalíticos sobre família se ampliam há décadas, com especial interesse pelos laços entre os sujeitos e as gerações. Alinhados com as mudanças culturais, eles abordam, sobretudo, temas relativos às falhas simbólicas, principalmente, quanto à expressão do traumático não elaborado entre as gerações - o que não está acessível ao pensamento. Neste artigo, discutimos a formação do psiquismo familiar e sua base sensorial, ressaltando sua sustentação na intersubjetividade e na grupalidade psíquica.

Como vimos, é por meio do mecanismo de identificação que os membros da família adquirem o sentimento de pertencimento, e, através dos laços inconscientes que os ligam, passam a compor a cadeia geracional. Nesse contexto, é fundamental entender a sensorialidade como elemento de base na trama familiar, e a partir dela direcionar o trabalho na clínica com famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ-FUSTIER, F. « L'enfant insuffisamment bon. Approche psychanalytique groupale et familiale du handicap. Paris : Dunod, 2011.
- ANZIEU, D. « *Le groupe et l'inconscient* ». Paris : Dunod, 1975.
- AUBERTEL, F. « Le travail sur le lien en thérapie familiale psychanalytique ». *Revue en ligne de l'AIPCF* (Association Internationale de psychanalyse du couple et de la famille) – www.aicpf.net - 2010.
- AULAGNIER, P. « *A violência da interpretação. Do pictograma ao enunciado* ». Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- AVRON, O. « L'émotionnalité participative : corps et psychisme en interaction ». *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*. n.57, 2011.
- AVRON, O. « Une forme d'organisation du nous l'émotionnalité groupale » *Dialogue*, 154, 2001.
- BION, W. R. « *Learning From Experience* ». London, H. Karnac, 1962.
- BION, W. R. « *Experiências com grupos* ». Rio de Janeiro, Imago, São Paulo, EDUSP, 1975.
- FREUD, S. 1913. « Totem Tabu », *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI, Rio Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. 1914. « Introdução ao narcisismo », *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI, Rio Janeiro, Imago, 1996.
- FREUD, S. 1920. « Psicologia e Análise do Eu », *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV, Rio Janeiro: Imago, 1996.
- KAËS, R. « *L'appareil psychique groupal* ». Paris, Dunod, 1976.
- KAËS, R. 1993. « *Transmissão da vida psíquica entre gerações* ». São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.
- KAËS, R. « Le mal-être dans la culture de notre temps : *Crises et traumas à l'épreuve du temps. Le travail psychique dans les groupes, les couples et les institutions* ». Dunod, 2015.
- KLEIN, M. « Sobre a identificação ». In: KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Tradução por A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (publicado originalmente em 1955).
- ROBERT, P. « Psychopathologie du Groupe Familial ». In: LECOURT, E. (Org.). *Modernité du groupe dans la clinique psychanalytique*, 2007.
- ROUCHY, J. C. « Une topique groupale, W R Bion à Paris », *Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe*, 1986.

ROUCHY, J.C. « Processus archaïque et psychanalyse du lien », *Revue de psychothérapie psychoanalytique de groupe*, 62, 2014.

RUFFIOT, A. « Appareil psychique familial et appareil psychique individuel, hypothèses pour une onto-éco-génèse ». *Dialogue – Familles & Couples*, 72, 1981.

WINNICOTT, W. (1965). « Família e maturidade emocional.». *A Família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. 1962. « A integração do ego no desenvolvimento da criança », *O ambiente e os processos de maturação*, Porto Alegre, Artmed, 1983